



O Gaiato

16 DE MARÇO DE 1974

ANO XXXI — N.º 783 — Preço 1\$80


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

TRIBUNA de Coimbra

Vou nas asas do avião a caminho de Lisboa. É noite. Acabámos agora de comer o jantarinho. Foi arroz com fiambre e mortadela e uma tacinha de leite creme. Uma garrafinha do Dão veio a acompanhar. No fim foi o cafézinho. Os TAP dão-nos sempre um mimo.

Foi o Agostinho que me chamou à Terceira, nos Açores, para assistir ao seu casamento. A tropa naquela ilha deu-lhe a conhecer a que é hoje sua esposa. Enquanto esteve, namorou. Regressado ao Continente, continuou o namoro. Emigrado para a Alemanha, não arrefeceu. Agora foi o casamento. Eu fui a presença de toda a sua família. Devíamos-lhe esta presença. É nosso há dezasseis anos. Foi-nos entregue por um Bispo. Vinha bem marcado pelo abandono. É um fruto bom. Ele quer regressar a nossa Casa.

Os padrinhos do Agostinho ofereceram-nos uma visita por toda a costa da Terceira. Vinhas e pastagens e aldeias formosas com torres de igreja a dominar. Muitos americanos com carros e habitações e a impressão de que são os senhores. A cidade de Angra é toda branquinha. A Terceira é toda asseada, verde e delicada. Parece que todos se sentem bem.

Aproveitei a boleia e fiquei um dia em S. Miguel. Que mimos na sua natureza! As lagoas. As furnas. Os picos. Os fundos. O gado. As pastagens. As fábricas. Ponta Delgada está a fazer-se. Há inquietação. Há muitos jovens a engraxar e em grupos nas estradas. Se o Turismo descobre S. Miguel a ilha vai ser centro procurado. As igrejas enchem-se.

Continua na QUARTA página

A vida nunca deixa de demonstrar como é transitória a glória do mundo, caducos os valores que não buscam raízes nas profundidades da Natureza e instáveis quando os fundamenta o terreno movediço de conceitos artificiais.

É curiosa a mutação brusca: Como um bombardeamento de publicidade aliciando ao gastou lugar a repetidos convites à poupança, que nos visitam sob a forma de propaganda escrita e nos entram em casa pelos meios de comunicação social.

Poupar — parece que vinha sendo um verbo ultrapassado, uma antiquilha rescendendo à «bota de elástico», que nem a montra de bric-a-brac tinha acesso. Isto num mundo finito em que a maior grandeza é o espírito do Homem, prerrogativa, única entre todas as criaturas naturais, que o faz semelhante ao Criador. Isto num mundo em que os enterrados nele até aos olhos, perdendo de vista horizontes metafísicos essenciais à natureza do espírito, vêm gritando há tantos anos o terror de um tempo galopante, em que a Terra não chegará para a Humanidade a crescer. Como se não fôra a Terra para o Homem e não o Homem para a Terra! Como se fôra o Homem o controlador sózinho, ou sequer o principal, da harmonia cósmica!

É estranho como os homens prezam pouco o Homem! Frente a problemas reais que lhes compete resolver (embora não sózinhos), pensam antes em cercear a expansão da Humanidade do que em pôr todo o seu engenho na pesquisa de recursos novos, por ventura escondidos no seio da criação feita para o Homem, da qual é rei. Ou, talvez mais justo: Pondo bastante engenho neste inventário; todavia, animados de muito pouca fé no êxito, porque se julgam o único responsável, porque se querem o exclusivo agente. A desgraça do Homem-só! A contradição em que o mergulha a utopia de ser por si, o orgulho de um deus a fazer-se sem precisar de Deus.

Num mundo assim limitado, em que uma fonte a secar reclama substituição por outra fonte, poupar — gastar apenas o necessário, sem desperdício, na diligência de toda a recuperação possível — parece ser, em todos os tempos, uma atitude certa, uma palavra de ordem, um gesto de respeito pelas gerações vindouras, a merecer que ao esgotamento razoável de uma fonte suceda a descoberta de outra fonte.

Não foi assim a mente da «sociedade de consumo» que ruiu após uma passagem meteórica. A sua falsidade não está

Continua na QUARTA página

DOUTRINA

A distribuição do livro

«O BARREDO»

Já foram contemplados os assinantes da nossa Editorial. Sublinhamos, uma vez mais, para desfazer equívocos; para esclarecer que só receberam «O Barredo» os leitores de «O Gaiato» que se inscreveram como assinantes da Editorial, ou hajam solicitado anteriormente uma obra (ou obras) de Pai Américo sem revelarem expressamente a intenção de assinatura — quantas vezes por omissão! Como este, no meio de muitos outros:

«Aqui vai o desabafo: Pois cá recebi «O Barredo» que não pedi, mas que sem querer desejava... eu que nesta altura, convalescente de doença, pelo menos prolongada, ansiava por qualquer coisa que caísse do Céu... e me fizesse unir a Deus e aos homens... Pois, Padre Américo veio do Céu com o seu «O Barredo» e será o meu «vade mecum»... por uns dias, até que ele apareça novamente com a sua dádiva do Céu... aos que, sem darem por isso, por ele suspiram...»

MUITOS PEDIDOS DE «O BARREDO»!

Chegam, todos os dias, muitos pedidos de «O Barredo» (e outras obras de Pai Américo) por intermédio dos postais RSF (resposta sem franquia). Requisições estereotipadas? Sim, como é óbvio. Mas se os postais nos revelassem as explosões de So-

Cont. na QUARTA página

Cont. na QUARTA página

Parecem coisas sem importância mas não o são. Habitados como estamos a uma vida correndo celeremente, nem damos conta. É, porém, nas coisas que nos parecem insignificantes ou desprezíveis que se encontram os sinais e a expressão dos nossos sentimentos e do nosso sentir. Nos factos aparentemente pequeninos é que se revelam as misérias ou as grandezas de que somos portadores.

AQUI LISBOA

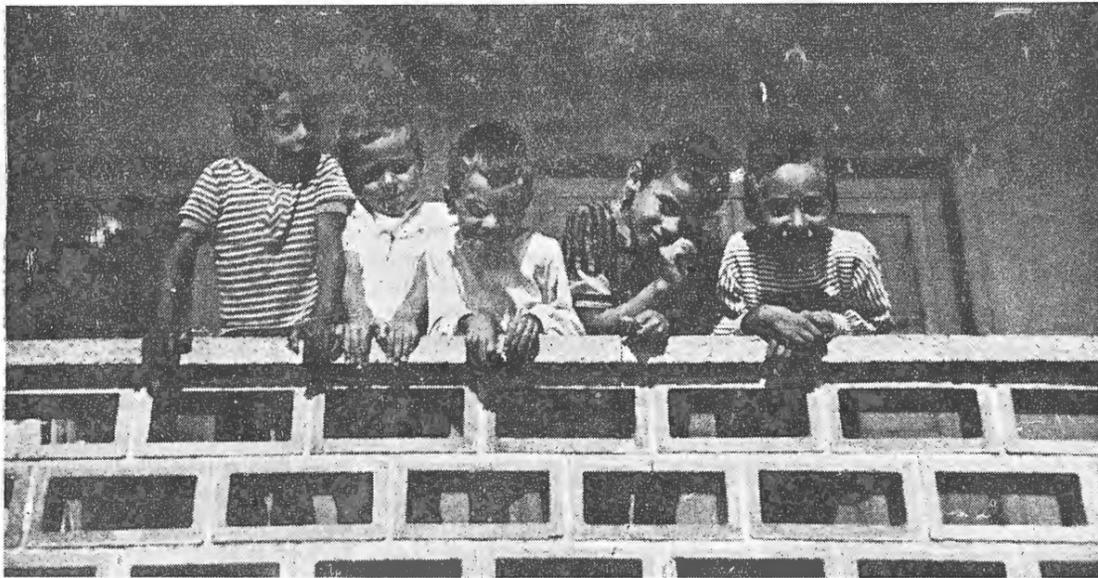
Em plena Baixa de Lisboa, mais concretamente na Rua do Ouro, à vista de milhares de pessoas, uma pobre Mulher, com um filho de colo e outro de tenra idade, aí pelos 5 ou 6 anos, sentada num degrau de edifício muito movimentado,

implora esmola. O espectáculo, por confrangedor e chocante, tem-nos impressionado. Por cobardia ou por andarmos cheios de preocupações, temo-nos limitado a constatar o facto, sem, todavia, tomarmos qualquer atitude. Disso nos penitenciamos

e queremos fazer pública reparação, com a promessa de que não cruzaremos mais os braços.

Em Belém, próximo dos Jerónimos, à beira de casas especializadas nos afamados pastéis, irmão de cor, não sei se homem se mulher, já com cabelos brancos, dá largas ao seu desequilíbrio mental ante a passividade dos transeuntes e o gáudio de alguns. Temos visto, temos passado e nada. Também aqui o propósito de não tornarmos a repetir tal procedimento.

Dois factos reais para meditação nossa em pleno tempo quaresmal. Para além deles, porém, quantos casos idênticos na esfera do nosso conhecimento? Instalados ou nutridos, porventura contestatários, o que fazemos? O egoísmo ou a insensibilidade enleiam-nos de tal modo que nem sequer reparamos. Ou então, o nosso reagir é aquele que motivou as palavras de Pai Américo: «O erro, a meu ver, é tomar o homem por sucata e deitá-lo fora se



Um grupo de «Batatinhas» do Tojal na varanda da casa da Ericeira

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

REFLEXÕES — No nosso contacto quotidiano, aqui no Calvário, nem sempre o nosso espírito está pronto a reflectir. Poderíamos invocar razões mais ou menos válidas, mas seriam meras desculpas. Porque um cristão consciente terá de sê-lo em todos os momentos. Não na mira apenas de êxitos, mas também para reconhecer os seus fracassos. E é precisamente isto que nestes últimos dias de frio e de chuva que nos têm retido mais dentro de casa, nomeadamente no local onde procuramos ocupar o mais eficaz que nos é possível o nosso tempo.

Queria, pois, que os nossos amigos fizessem uma visão mental de alguns aspectos que assimilamos num dos dias em que a chuva fustigava mais intensamente os vidros das janelas do pavilhão dos homens em cuja parede inferior se encontra uma placa dizendo da intenção de alguém que pretendeu dar um empurrão para que este viesse a ter forma.

Tantas histórias verídicas, mas a muita gente parecendo fictícias, se elas algum dia vierem a ser reveladas. Muitas já o foram. Mas o ritmo de vida, hoje em dia, é pouco propício para se lembrarem..., porque incomodam! Pensar nos es-corraçados, nos que estariam condenados a terem por companhia ratos, em tantos obrigados a saírem deste ou daquele meio por cheirarem mal, incomoda muito! Por isso são corridos como indesejáveis ou mesmo parasitas da Sociedade! Mas o que essa mesma Sociedade não sabe é quantos valores positivos perdeu e tanto lucraria se reflectisse...

Especialmente o pavilhão dos homens é assunto que me fez reflectir. Nem por isso era uma vida parada, ali. Uns limpavam vidros e mosaicos; um lia; e outros faziam comentários; ainda outros, não sabendo articular palavras, mas com algum entendimento, riam; enfim, vida!

A minha reflexão prendeu-se neste mesmo ao relembrar alguns pormenores de histórias vivas ali na minha frente: Que seria do Carlos se continuasse a fazer a única coisa que lhe ensinaram — estender a mão à caridade e compaixão à beira de caminhos, para outros viverem à custa desses «rendimentos»?! Do António, que vivia com uma tia numas condições habitacionais em que nem cabia a cama aonde dormia: metade dentro e outra fora da porta?! Apesar de ter sido contada a sua vida ainda há pouco tempo, eu pergunto: Que seria do sr. Armando? Teria de viver como ele vos contou?!

E tantos outros mais. Não é fácil avaliar o preço de algumas histórias que nos chegam ao Calvário! E elas parecem-se com as cotações! Ontem, quando havia saúde, eram valores de fácil manejo e lucro. Claro está que muitos

nem a esse aspecto chegaram alguma vez. Mas, hoje, são o que Deus sabe. E, sobretudo, permite estes dias com mais carinho desinteressado e com outra forma de estarem no mundo — mais condizente com as suas vidas humanas.

Pela reflexão que devem ter feito os amigos que leram isto, escrito sem pretensões de qualquer espécie, queria dizer-vos que embora não vos tenha dado a verdadeira dimensão do que foi a minha reflexão, espero e desejo que não tenha sido em vão o meu testemunho! Porque estamos em tempo de não nos preocuparmos só com o «eu» mas com os «outros»... Estamos na Quaresma. Aqui fica um tema...

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Ela vem triste, com um filho pela mão. Enquanto a não abordamos, recordamos tempos em que jazia na indigência limpa — por mor do homem doente, que morreu. Entretanto, casa em segundas núpcias. A vida melhora. E os filhos do primeiro juntam-se fraternalmente aos do segundo matrimónio. São um ror deles.

— Custa-me muito ter de pedir...! — desabafa, logo de entrada. Num impulso, cinge o filho mais ao corpo, carinhosamente. É Mãe! — Este é do meu segundo homem. Anda a estudar; mas precisa dum coisa qu'a gente não pode comprar... Custa-me tanto ter de pedir! — sublinha com amargura — custa-me tanto!...

O miúdo olha-nos com seriedade, chocado pela tristeza da mãe — que suplica:

— Dá cá a lista.

Lemos. Regista uma série de material escolar. Uma data de coisas! Leva o que é possível. E a tristeza vira em alegria:

— Ah, qu'alívio!...

Lá foram os dois, radiantes; enquanto ela estende o chale preto nos ombros.

DONATIVOS — Abre a assinante 11.162, do Porto, com 20\$00. Segue, depois, a 17.022, de Portalegre. E a 17740. Caras conhecidas, de há muito tempo. O grupo estende-se. Passa Oledo, Ois da Ribeira, Aveiro, Amadora. Mais um vale do correio da Rua Alexandre Herculano, Lisboa. Outra migalha de Torres Novas. «Uma velha assinante» comparece com 100\$00 e uma carta que é uma delícia de amor ao Próximo. Mais uma «gotinha» (5\$00) de Torres Vedras. Mais 120\$00 da assinante 6433. Agora é a vez do Entroncamento:

«Paz em Cristo.

Todos os anos corro a roda dos meus entes queridos, já falecidos, com Missas. Este ano, pois estamos no começo, lembrei-me de fazer de outra maneira. Enviar para os Pobres nossos Irmãos da Conferência com a mesma intenção.

Procurando bem no nosso íntimo creio que seja mais eficaz para essas almas ajudarmos um Cristo

necessitado, pois será mais um a rezar por eles. Aqui vai esta lembrança por... Que eles encontrem a Paz eterna.»

Mais Porto, Largo do Priorado. E «cem escudos para os vossos Pobres, em acção de graças pela passagem das minhas Bodas de Ouro. Sou uma vossa leitora». Parabéns! O mesmo da Avó Carlota. «Uma assinante do Seixal» continua em força; aqui vai a bolada do costume! Mais 70\$00 da assinante 31536, de Coimbra. E Hortense, com um donativo «para o Pobre mais pobre». E, ainda da mesma, mais 20\$00 «pela graça de eu ter trabalho a semana passada». Ó legenda! Avó Antiga: sim senhor; pode ter a bondade de despachar — bem sinalizado... Recebemos a oferta do assinante 25290, de França. E outra, também muito delicada, de Oledo.

Por fim, outro documento precioso — do Entroncamento:

«Mais uma ronda pelas almas dos meus que já partiram... Envio esta lembrança para os Pobres nossos Irmãos que mais necessitarem.

Gostei de saber através de «O Gaiato» que tudo o que enviei fez a felicidade daquela família. Oxalá as necessidades não aumentem, pois a vida está cada vez mais difícil para todos.

Que a Paz do Senhor desça sobre todos nós que O amamos e procuramos servir.

Faz hoje 26 anos que foi a enterrar o meu único filho. Está no Senhor, pois morreu de berço. Como eu o recordo!...

Ó carta!

Para todos, um muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

TOJAL

FUTEBOL — Já há bastante tempo que não vos falo desta modalidade desportiva.

Desde o último contacto convosco, já efectuámos dois encontros. Vencemos o primeiro por 7-2. No segundo, para contrariar o hábito, perdemos por 7-4. Temos as nossas desculpas, pois faltaram duas «estrelas», um natural de Galveias e outro que, por modéstia, não digo quem é... Malandrice!

GINASTICA — Com o fim de dar aos nossos atletas uma melhor constituição e preparação física, abrimos aulas de ginástica.

Todos os rapazes se têm aplicado com interesse. Esperamos ver frutificar esta iniciativa.

FESTAS — Para tranquilizar uma série de amigos leitores e assíduos espectadores das nossas Festas, informo que este ano também haverá o tão desejado espectáculo anual no Cinema Monumental.

Os ensaios já começaram e, à semelhança dos anos anteriores, temos para vos oferecer números aliciantes.

Ah! mas falta dizer-vos a data. É no dia 2 de Maio, às 18,30h., uma quinta-feira, como de costume.

Dentro de pouco tempo estarão à venda os bilhetes, nos locais habituais, ou através dos nossos vendedores de «O Gaiato». Não falem!

SELOS — Temos continuado a receber inúmeros selos dos mais diversos pontos. Os nossos agradecimentos e os votos para que continuem a enviar-nos os vossos selos usados.

CARNAVAL — Contagiados pelo enorme calor carnavalesco, não deixámos de festejar o Carnaval, à nossa maneira.

Não se comparou muito com o Carnaval «carioca». Mas marcou bem um fim dos tempos de folia, para se entrar depois num tempo de meditação e revisão, durante toda a Quaresma.

Despégámos do trabalho às 15h e mascarámos-nos quase todos de jogadores de futebol, e fomos para o campo passar o tempo. Por sua vez, os mais pequenos, pintados ou mascarados, alegraram mais o ambiente.

Espero que todos sintam o mesmo, e que tenham aproveitado bem e da maneira mais séria todo este período alegre.

PEDIDOS — Como resposta a um dos pedidos feitos no último jornal, já cá temos um rádio.

Entretanto, para a mesma casa, quero pedir-vos alguns quadros ou estampas que possam ser motivo de alegria para rapazes entre os 7 e os 12 anos. Demos tempo ao tempo.

Jorge

MALANJE

RECREIOS — Na nossa Casa, para a rapaziada, cada brincadeira tem a sua época. Até aqui tivemos a época das trotinetes; agora, com a invenção do «Batata» e Seraponto, apareceu-nos um modelo típico de carros feitos com quatro rolamentos fixos a duas ripas e uma tábua onde se senta o condutor. Este conduz o carro com os pés que se fixam à ripa da frente, sendo esta uma ripa móvel. Atrás do condutor vai um colega com um pau comprido a empurrar; isto para não ir vergado.

Perguntei ao «Banana»:

— Tu não andas? Só empurras? Respondeu-me:

— Ando, mas agora ainda é a minha vez de empurrar.

Assim se vão passando os recreios: uns jogam a bola, outros andam de carro e outros jogam matraquilhos.

LIMPEZA — O Zé Mário censurou-me dizendo que quando se fazem crónicas só se fala nos «Batatinhas» e perguntou-me porque se não falava nos das limpezas. Vou fazer-lhe a vontade.

Na casa dois, o «Chiquim» tem feito a limpeza menos mal. Na casa três o «Caneco» deixa sempre a casa de banho mal limpa. Na casa-mãe a Senhora anda sempre preocupada com a sorna que fazem os roupeiros e com a rapaziada das limpezas. O

«Zé da Figma» é o encarregado da copa, e da loiça o «Mata-Bicho», que lá vai deixando alguma loiça de vidro para o Marito lavar à tarde; depois o Marito diz que a loiça foi ele quem a deixou. «Zé da Figma» que foi o Marito, e andam nisto. No refeitório, de manhã, temos o «Tropa», tão preguiçoso, que para fazer a limpeza bem feita é necessário de vez em quando chegar-lhe a roupa ao pélo. O «Cabuzito» é o que faz a limpeza da varanda; a este preciso de o mandar fazer a limpeza na hora do almoço. O «Pirata» tem a obrigação do corredor, despensa e levar as merendas aos que trabalham longe da Casa; sai às nove e meia e chega a Casa ao meio dia dizendo que andou à procura dos tractoristas. No primeiro andar da casa-mãe temos o Zé Mário que lá vai fazendo a sua limpeza, embora vá deixando as teias de aranha dizendo que pertencem ao «Cabuzito». A D. Margarida lá vai dando volta à roupa rota e dá que fazer à Alcina, esposa do Tavares, que se encontra em nossa Casa por uns dias.

OBRAS — O roncar do nosso tractor de lagartas, oferta da Diamang, demonstra-me que o nosso campo de futebol de salão se está a tornar uma realidade. Já temos a planta; está-se-lhe a tirar defeitos. O Sr. Alberto já nos disse que o vinha começar em Fevereiro. E eu mais uma vez repito que o nosso campo é uma realidade se todos os leitores quiserem que o seja.

A nossa casa-mãe está a ser remodelada. A cozinha, que tinha fogão a lenha e estragou a pintura de toda a casa, vai em breve ter fogão a gás. Também se vai aproveitar a fazer obras na copa e despensa.

Joaquim Carlos Fernandes

SETÚBAL

FESTAS — Está assente! Faz-se Festa, no próximo dia 18 de Abril, no Luisa Tódi.

De princípio houve a incerteza se faríamos Festa ou não, pois ninguém se ofereceu para organizador.

Ser organizador exige muito trabalho, muito esforço e muita paciência. O mesmo aconteceu com os actores, desde os célebres «Batatinhas» até aos «Batatoões».

Para se fazer festa há que haver boa vontade da parte de todos; há que perder horas de trabalho e recreio; há que haver gostos e opiniões de todos...

Muitos foram-se abaixo. Mas, depois-pensámos que fazer Festa é semear alegria, é apresentarmo-nos ao Povo. Enfim, entrámos na azáfama!

Agora, há que engrenar nos números mais jeitosos; há que escolher novas peças. Até lá, há muita coisa para fazer; há muita coisa em perspectiva.

Esperamos encontrar-vos, caros leitores.



Continuamos a descrever as ofertas dos nossos Amigos:

De Cantanhede, 100\$. Odete com 50\$. Da Sociedade de Cristais, 200\$. Agência em Tomar do BPM, com 500\$. Os anuais mil escudos, da Junta de Freguesia de Arcozelo, 100\$ da Guarda. Lisboa com 1.000\$. De Faro, 2.500\$ para cobertores. 750\$ de Gondomar. Três pacotes de roupa, de Lisboa. Um da Beira. Um volume com camisas Regojo. E um cheque de 33 contos, de Rank Xerox.

Ana Maria com 500\$, pedindo ao Senhor a graça de ser sempre uma boa professora. Donativo de Natal, de 1.000\$, de Mário Loureiro do Amaral. Pinto & Cruz, Limitada, com o cheque anual de 3 contos. «Uma portuense amiga» com 200\$. O prometido de Avó de Sintra, 50\$ do Porto. O nosso «Tiro-Liro» trouxe 250\$. Um pacote de cobertores da Sociedade Textil de Lousado. «Aí vai o pouco que consegui arrancar às garras da minha ambição e do meu egoísmo» — 8 contos.

Helena com o habitual vale de 5 contos, destinados à compra de cobertores. Uma caixa de Vinho do Porto, de Manuel D. Poças Júnior. Maria Luisa com 100\$. De Lisboa 700\$. Ass. de

SENHORAS DA COSTURA — Várias vezes têm vindo até nós três grupos de senhoras costureiras, de Palmela, Quinta do Anjo e Setúbal.

Toda a roupa que há por coser elas cosem. E porquê? Porque é grande a amizade que nos têm, porque há boa vontade em ajudar os Rapazes da Casa do Gaiato.

Quantas senhoras deixam as suas lides caseiras e vêm ajudar-nos?

NOVOS GAIATOS — Como todas as Casas do Gaiato são verdadeiras portas abertas, recebemos mais três rapazes, muito mal arranjados, que viviam, sabe Deus como!, em Sacavém.

Creio bem que, se houver gente que se compadeça pelos mais Pobres, por toda a parte, não haverá cada vez mais miséria, não haverá mais desgraça nem tanta falta de responsabilidade.

O mundo de hoje tem um lema: «Venha a nós o vosso reino». Por isso muita gente diz para os outros se desenrascarem.

Quantas vezes nós próprios tomamos essas palavras e as dirigimos aos nossos colegas? Quantas?

Enquanto temos que nos chegue, não pensamos em mais ninguém. Mas quando nos começa a faltar o que é necessário, recorremos logo àquele a quem tantas vezes espeznhamos.

Isso é justo? Claro que não!

FUTEBOL — Desde que compramos o equipamento novo, ainda nenhuma equipa nos quis defrontar. Será que têm medo?

Não somos nenhuns ídolos, como o Benfica...

Venham até nós, para que possamos fazer uns jogos agradáveis.

Cá vos esperamos!

João Maria

Do que nós necessitamos

Rio Tinto, com 100\$ e 200\$. E a lição preciosa que nos dá uma Criada de servir, enviando-nos 300\$, do aumento de ordenado em 1973. «E 50\$ para os «Batatinhas», pela felicidade de dois netinhos do senhor Rodrigo da Califórnia. Vestuário de Ermesinde. Peças de pano cru, de D. Viviane. 3 contos de Lourosa. No saquinho já tradicional das Costureiras do Hospital de Santo António, migalhinhas que somaram 450\$. Ass. 2022, de Macedo do Peso, com 500\$ e uma exclamação à laia de Pai Américo: «Ai dos Pobres se não fossem os Pobres!»

«Do casal muito amigo», de Santarém, 600\$, e «abono de família da nossa filha, para os vossos filhos. Vai um bocadinho mais abonado, porque falhamos tantas vezes no seu envio». 100\$ no Lar. 300\$ de Lisboa. 2 dólares de Fall Rivers — USA. 50\$ do Porto. Mais 100\$ de Lisboa. Benilde com 500\$. Da Murtosa 50\$, valor de 2 dólares, enviados por uma assinante. 500\$ de Oliveira do Douro. 6 garrafas de vinho moscatel, de Sousa, Valente & C., Lda. «Avó de Coimbra», com 200\$, primeiro dinheiro que o neto ganhou. E 20\$ duma neta. 800\$ de Montereau-França. 1.000\$ de S. João das Lampas. Dum grupo de Funcionários de diversas secções do Banco Borges & Irmão (Sede), e com muita amizade, cheque de 3.535\$.

Do Pessoal da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto, a presença sempre amiga e o donativo de 2.000\$. Três irmãos enviam 230\$, com lembranças aos «Batatinhas». 100\$ do Grémio dos Industriais de Barbeiros e Cabeleiros do Norte. Dos amigos do Bairro da Pastelaria 400\$ e 350\$. Anónimo com 100\$. Da Corporação de Pilotos da Barra do Douro e Leixões, 250\$. De Torres Vedras e em cumprimento duma promessa, 8.000\$. Cheque do Porto, de 6.000\$. Da Casa Eden-Braga, 150\$. Maria Isabel com 100\$, pedindo orações. 250\$ do Porto. Da R. Alferes Malheiro, 120\$. Portuense Maria com 500\$. De Anónimo, 1.000\$. Pela Maria João, 50\$. Do Porto, cheque de 10 contos. Da Diamang, mil escudos. No terceiro aniversário do falecimento de Adélia Cândida, 200\$. Em selos, 50\$. À porta do Lar do Porto, 3.000\$. Ana Maria com discos. E cheque de 12 contos, para repartir pelas Casas e Lares do Gaiato. Mais retalhos duma outra carta de Lisboa. Eis:

«Vai cheque de 120\$, como dádiva modestíssima, mas que pretende significar uma inauguração de outros eventuais contributos.

Só peço, em troca, que nas vossas orações se lembrem dos verdadeiros desprotegidos deste mundo, dos que, por indiferença

de alguns familiares mais afortunados, ou dos falsos amigos, continuam sofrendo todo esse cortejo de sofrimento que na Imprensa Diária de todos os países — ditos pobres, uns, e outros, falsamente ricos — constitui o tal «pão nosso de cada dia» em reatos sempre lamentáveis, os quais referem tantas vezes e em tão estranhas circunstâncias, os actos mais extremos!...

(...)Desejo um Natal feliz, para todos os filhos da Vossa Obra e que dela saiam, no caso, à escala nacional, os outros, pilares que não de servir de exemplo (aos outros) independente das ideologias, dos credos, da cor da pele e das condições sociais.

Deus ainda deseja um mundo melhor para todos!

Obrigado.

Um modesto profissional de escritório.»

Dos Funcionários da Secção de Depósitos do Banco Português do Atlântico, em Lisboa, um cheque de 1.110\$80, resultado de uma Campanha de Vendas de Natal. Bem hajam.

Do Monte da Bela, 20\$00. Castelo Branco com 200\$00. De Alcoaça, vale de 500\$00. Do Porto, médico amigo envia mensalmente um cheque. Maria Cristina com 100\$00. De um antigo aluno do Asilo Profissional do Terço, 50\$00. Dum visitante, de

Braga, 200\$00. Caldas da Rainha com 1.000\$00. M. A. F. com 1.000\$00. Viana do Castelo com 100\$00. Migalhas sempre sabrosas, do grupo Bem-fazer da Boavista, com 142\$00.

Maria Angelina com 20\$00 + 20\$. «Amiga dos «Batatinhas» com 1.000\$00. Igual quantia da mesma pessoa, lembrando os nossos estudantes. 500\$00 de Gaia. De «uma Lecista», 50\$00. Fozcoá com 50\$00. Para a compra de livros dum estudante liceal, 500\$00. De Coimbra, 100\$00. O Pessoal das Confeccões Gentleman, visitou-nos e deixou peças de vestuário novinho em folha. Gente amiga dos Telefones do Porto, escritório de tráfego, com 100\$00, por alma de Fernando Gonçalves. Da Tabacaria Lusa, na Praça da Batalha, um vale de 1.250\$00 e a muita amizade que nos dedicam.

As presenças são fruto da vossa generosidade e amor. Mesmo aquelas que não são mencionadas, mas que chegaram às nossas mãos. Todas recebemos e agradecemos.

Manuel Pinto



SETUBAL

Abordamos uma vez mais o tema da Família com todos os seus problemas e implicações na sociedade contemporânea. Parece-nos assunto sempre palpitante e bem adaptável à época em que nós vivemos. Neste emaranhado de situações difíceis e contrastantes que o mundo atravessa, o papel da Família tem um lugar importante, destacável da rotina do dia a dia. Pelo esforço que ela obriga a desenvolver para ser constituída, somos levados a refrear esta correria doida em que andamos. Esta realidade difícil, mas muito bela, que é a Família, supõe tempo. Há que reflectir. Todos nos queixamos desta «falta de tempo». E a Bíblia Sagrada a dizer-nos que há tempo para tudo na vida!!! Tempo para construir, tempo para destruir! Uma vida se constrói com ele, outra vida se destrói sem ele.

Ele há para aí tanta vida mal gasta! Tanto tempo desbaratado a correr, a correr sem descanso só Deus sabe atrás de quê! Tantos de nós a perdermos horas preciosas de sono repousante!, utilizando-as em bares, «boites», cabarés e tanta coisa mais... E a gente a dizer que não tem tempo! Ah, que esta história do tempo é bem o farisaísmo dos nossos dias...

Ai, o que nós seremos nessa sociedade do ano 2.000 que uma Cooperativa de Estudos procura saber com seus estudos de investigação. A que conclusões chegaremos, Srs. Doutores? Não somos contestatários. Nem cépticos. Um estudo à sociedade impõe-se. Só estudando, só reflectindo profundamente é possível obter dados. Dados que nos dêem

uma verdadeira dimensão do que somos e do que viremos a ser. Esta plataforma sobre a qual assenta a nossa sociedade de hoje, mergulha suas raízes num passado longínquo, tal como a que se erguerá daqui a 30 anos. Mas esta, além daquelas influências, terá ainda a somar a nossa acção — boa ou má! — feita no tempo que agora vivemos. Acima de nos preocuparmos com o que «será», pensemos muito mas é no que «é».

Os referidos colóquios estarão já terminados, certamente, quando estes apontamentos vierem a lume. Para o «Grande Público» tal iniciativa ou passsou despercebida ou então, se conhecida, nada lhe disse. Coisas de cientistas, só para «inglês ver», para ficar «no papel» e mais nada. Não é tanto assim! A gente cá das camadas inferiores também tem necessidade de saber. É que a sociedade quando foi constituída, não foi só para alguns. Todos nós, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, sabichões ou ignorantes, temos a nossa quota-parte nela. Ninguém sabe nem pode viver sózinho. Até para nascer precisou do núcleo mais elementar duma sociedade — a Família (ou pequenina ou grande, ou bem ou mal organizada, ou isto ou aquilo, mas sempre uma Família...). A todo o homem é dado o direito de nascer (sabe Deus quantas vezes banido dos dicionários da vida!). Para crescer, se instruir, se educar, é-lhe dado também o direito de ter Família. Porque depois lhe é pedido o dever de ser ele a construir também uma Família. Assim se constrói uma sociedade sábia. Ou se constrói uma socie-

dade podre, se se esquece tais direitos.

Pelo que nos é dado ver, muito mal irá a sociedade no ano 2.000. Porque muito mal vão os alicerces da Família nos nossos dias. As relações filhos-pais interpõe-se uma barreira doentia de relações humanas, coroada por uma quase total carência de exemplos. As relações marido-esposa seguem-se longas séries de conflitos, revelados quase exclusivamente por impreparação matrimonial, que redundam em «vidas negras» de casados ou até mesmo conduzem ao rompimento da vida conjugal. Há falta de compreensão, há carência de tempo para discutir e resolver problemas. Há uma crassa falta de disposição para nos preocuparmos com as coisas grandes, quanto mais agora com as pequenas. Depois há o nosso ofício, os nossos afazeres, as rendas de casa, as crises de energia, o aumento do custo de vida, as reuniões com os amigos, etc., etc. Isto enche o nosso «mundo». As quezílias familiares... — quando houver tempo a gente vai pensar nisso...

Parámos para construir a nossa Família. E depois?... Voltámos de novo a correr como doidos!... Como será esta sociedade que estamos a construir para o ano 2.000? Como será?

Rogério



A Família cresce

Em baixo, imagem exótica do casamento de Maria do Carmo e Francisco Félix — em Lourenço Marques. Ao lado, Maria da Conceição e Agostinho de Jesus, cuja cerimónia foi na Ilha Terceira, Açores.



Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Na passagem pela Madeira descendi no Funchal e dei também uma volta. É aquilo que se diz, embora nos custe a acreditar. Esta gente parece ter asas. Tudo alcantilado. Tudo bem aproveitado. Tudo é pão. A cidade é grande no centro e nos arredores. Muitos hotéis e muitos estrangeiros. A Madeira foi descoberta pelo turismo.

Num dos arredores vi um grupo de turistas e dois pequenos da terra, sujos, rotos e descalços, a estender a mão e a acompanhar com insistência. Tive vontade de os trazer comigo. Fui à doca e encontrei centenas de pescadores à espera que o mar amanse e o peixe apareça. Meti conversa e um deles falou-me da beleza da sua

igreja. Fui vê-la. Muito iluminada, cheia de flores em todos os altares, cheia de cera, chão a espelhar, vazia de pessoas. O Senhor da igreja é o mesmo da doca e das ruas e das vielas escuras com crianças nuas à porta. Parti com a preocupação do desemprego daqueles grupos e grupos de homens novos que conversavam ou jogavam às cartas. Para viver têm de emigrar.

Voltei à cidade. Peguei no telefone e liguei ao continente. Tempo e economia. Duas coisas boas a juntar a muitas que também por lá vi.

O avião vai descer sobre Lisboa. Vou com saudades dos meus filhos que deixei há uma semana.

Padre Horácio

A distribuição do livro «O BARREDO»

Cont. da PRIMEIRA página

brenatural do Leitor, então seria um himalaia!

Pelo correio normal — o que para aqui vai de correspondência! — a gente vê a luz da Luz. Vê, sim senhor. Vamos lá transcrever retalhos de cartas e postais que, mesmo assim, não deixam de ser expressivos — como voz do Leitor. Hoje como há trinta anos — tantos quantos perpez «O Gaiato» — o mesmo diálogo salutar! Ouçam o Porto:

«Este 1.º volume de «O Barredo» vem esplêndido.

Para o texto não quero fazer qualquer referência, pois tudo quanto o Padre Américo escreveu é ouro do melhor quilate a distribuir pelas consciências de quem o lê.

Aguardo, pois, os volumes que forem publicando e junto o cheque para o pagamento deste.

Que Deus vos dê sempre saúde e energia para continuarem por muitos anos a tarefa a que todos vos dedicastes, são os votos do Amigo certo e de sempre...»

Agora, é Lisboa:

«Recebi o livro «O Barredo», que muito agradeço. Envio 50\$ para pagá-lo. É pouquíssimo mas o gesto é que vale, quando as coisas têm valor mais que humano!

O livro é magnífico. Não falo do seu conteúdo, que não tem preço, mas da capa, do papel, da letra impressa e até do formato!

Um só livro por ano? Não será pouquíssimo? Eu espero comprar todos que dela venham!...»

Outra vez Lisboa:

«Neste livro «O Barredo» há um capítulo que se intitula «Ao dar esta carta a lume eu fico de joelhos», escrito por um Estudante de Portugal. Sou da opinião desse Estudante, mas acho que não só «O Gaiato» devia ser lido nas escolas, oficinas, liceus etc., mas também todos os livros da vossa Editorial. Ler estes livros faz-nos meditar muito...»

Por fim, Vila Nova de Gaia:

«Incluso envio um cheque para pagamento do livro «O Barredo». Desculpem a modéstia da oferta. E este, como os anteriores, vão constituir para mim autêntica Bíblia de Evangelho vivo...»

Almas cheias, a transbordar! Rectaguarda da urgentíssima obra do Porto — de todos os Barredos de Portugal — que «são a condenação formal de uma civilização que se diz cristã e permite esta ignomínia» (Pai Américo).

Júlio Mendes

Mesmo muito absorvido pela nova casa na Praia de Mira (já em acabamentos e a preparar-se para nos receber em Julho) e pelos trabalhos do campo que requerem atenção, não posso deixar de viver a alegria de todos os que preparam as Festas. É sempre uma paixão que nos domina.

Num dos últimos dias, quando saía da sala depois do jantar, à porta estava o Pedro em pranto, nas mãos do Albino. O Albino queria ir deitá-lo, mas o Pedro gritava: «quelo ilo pó saio». O Pedro queria ir para o ensaio. Os ensaios são, geralmente, ao recreio da noite. O Pedro fez há dias três anos e irá fazer

FESTAS

um papelão. O Albino tem dez anos e é chefe dos mais pequeninos. É também das Festas. O remédio foi irem os dois para o ensaio e o choro e o sono transformaram-se em alegria e vida. São assim as nossas Festas: alegria e vida.

Quando esta notícia chegar a vossos olhos já o Porto e Aveiro se encontraram conosco no Coliseu e no Aveirense. Os das Beiras aguardam-nos logo a seguir à Páscoa. Já têm chegado mensagens de expectativa. Talvez não possamos ir encontrar-

-nos com todos os Amigos do costume, mas iremos aonde nos for possível. Prestai atenção às Festas já marcadas:

- ABRIL
 - 18 — SETÚBAL
 - 19 — MONTIJO
 - 23 — SESIMBRA
- MAIO
 - 2 — LISBOA

Padre Horácio

Aqui LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

ele não presta». Coisas ou acontecimentos pequeninos na aparência, mas que, ao envolver Irmãos nossos, se tornam, de facto, de grande valor e representam uma acusação para todos nós, sem esquecer as Autoridades.

● Aproxima-se a inauguração da nova casa para 60 Rapazes, que esperamos se realize na Páscoa. Destina-se a crianças entre os 7 e os 12 anos. Para ela precisamos de 40 bancos ou cadeiras. Quem vem por eles?

● A nossa Festa está marcada para o próximo dia 2 de Maio, quinta-feira, pelas 18 h. e 30 m., no Monumental. Os bilhetes estão à venda nos locais costumados.

● Aqui fica a direcção desta Casa do Gaiato, conforme nos é solicitado: Santo António do Tojal — Loures.

Padre Luiz

Doutrina

Cont. da PRIMEIRA página

na procura do bem-estar para o Homem; está em tomá-lo por fim suficiente. Caiu na ilusão de vida fácil sem reverso. Esqueceu-se de que o Homem é imensamente rico para se contentar com tão pouco. A sua filosofia leviana afogou-a no lixo que produziu — tornado um problema social mais agudo onde o padrão da comodidade mais brilhante foi. «Civilização» de prazer e desaproveitamento, «num mundo onde tudo se transforma» menos a miséria que permanece e cresce medonhamente a par da procura cega de satisfações transitórias.

Eram de barro os pés do colosso. É ridícula a posição em que num repente ficou caído.

Claro que as carências que ora se sofrem, como em tantos outros momentos da História se sofreram, não-de ser supridos. Oxalá a caminhada para dias melhores e mais tranquilos leve o Homem a outros conceitos, em que a austeridade, a sobriedade, a solidariedade, a fome e sede de Justiça não sejam palavras vãs, mas eficientes da confiança e da fraternidade entre os homens.

Nesta esperança, parecem-me positivas as dificuldades em que de um momento para o outro o mundo se encontrou, a chamar o Homem à consciência da sua pequenez congénita e da grandeza do seu destino.

É na tensão inteligente destas suas dimensões que o Homem encontrará o seu equilíbrio. Sábio será o Humilde. Vencedor do mundo o que viver da Fé. Feliz o que foi aprendendo e exercitando a divina arte de amar.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

